

**UM NOVO OLHAR SOBRE A DEFINIÇÃO DE CIRCUITOS CURTOS
DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO: situações na região da
Grande Florianópolis**

**UN NOUVEAU REGARD SUR LA DEFINITION DES CIRCUITS
COURTS DE PRODUCTION ET DE COMMERCIALISATION:
situations dans la région de la Gran Florianópolis**

Berenice Giehl Zanetti von Dentz

Mestre em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Professora de Panificação e Confeitaria no Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC
Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
berenicez@ifsc.edu.br

Pablo Martin Bender

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC
Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
pablomartinbender@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo trazer uma revisão bibliográfica do conceito de "circuito curto de produção e comercialização alimentar" e propor uma ampliação de seu significado. Verifica-se que, de modo geral, o conceito de circuito curto é definido pelas características do seu último elo: a distribuição do produto final. Partindo-se desta perspectiva, a venda direta do produto e a existência de um intermediário definem este tipo de circuito. Nos trabalhos de campo realizados na região da Grande Florianópolis (SC), entre os meses de março e junho de 2015, percebemos que existem instâncias produtivas que antecedem a venda, não consideradas nas definições oficiais, mas relevantes e necessárias para a compreensão do funcionamento destas formas de produção e consumo. Argumentar-se-á que é justamente nos elos ligados à elaboração onde podemos encontrar as condições particulares de geração de renda e valor que fazem com que estes circuitos possam concorrer no mercado alimentar. Também é nas esferas anteriores à distribuição para a venda onde são geradas muitas das externalidades positivas das economias locais ligadas a estes circuitos, fato que corrobora para a necessidade de ampliação do conceito.

Palavras-chave: Circuitos curtos alimentares. Reprodução da Agricultura Familiar. Renda diferencial. Economia local.

Résumé

Cet article il y a comme l'objectif d'apporter une révision bibliographique du concept de "circuit court de production et la commercialisation alimentaire" et proposer un agrandissement de sa signification. Il est vérifié que, en général, le concept de circuit court est défini selon les caractéristiques de son dernier lien: la distribution du produit final. À partir de ce point de vue, la vente directe du produit et de l'existence d'un intermédiaire définit ce type de circuit. Dans les travaux sur le terrain accomplis dans la région de la Gran Florianópolis (SC), entre les mois de mars et juin 2015, nous avons remarqué qu'existent des cas productifs qu'ils ne précèdent la vente, aucun considéré dans l'officiel de définitions, mais pertinent et nécessaire pour la compréhension de l'opération de cette façons de production. Il faut argumenter que ce sont précisément les liens connectés à l'élaboration où nous pouvons trouver les conditions particulières de la génération de rente et la valeur qui font que les produits puissent rivaliser sur le marché alimentaire. Il est également dans les sphères antérieures de la distribution à la vente où sont générés de nombreuses externalités positives des économies locales liées à ces circuits, un fait qui confirme la nécessité d'élargir le concept et l'inclusion de son sens dans les zones avant la commercialisation.

Mots-clés: Circuits courts alimentaires. Reproduction de l'agriculture familiale. Rente différentielle. Économie locale.

Introdução e Metodologia

Embora os agricultores e artesãos alimentares desde tempos antigos tenham tido a opção de vender seus produtos de forma direta ao consumidor, o conceito de "circuito curto", sua filosofia e prática nasceram formalmente no Japão em 1965, quando um grupo de mães de família preocupadas pelo uso excessivo de agrotóxicos na agricultura, fundaram as primeiras *teikei* (alianças) entre pequenos produtores orgânicos e consumidores (CEPAL, 2014). As centenas de vítimas fatais provocadas pela doença de *Minamata*¹ no final da década de 1950 estimularam o surgimento deste tipo de associação, que ainda hoje reúne milhares de integrantes em todo o Japão.

O *teikei* é mais que uma aliança entre consumidor e pequena produção, é um estilo de vida, uma filosofia criada entre produtores orgânicos e consumidores, onde quantidades e preços são combinados de maneira consensual, amigável e justa. Dentro das particularidades e princípios que apresenta o *teikei*, está o da produção planejada, possibilitada pela compra acordada com os produtores em grupos de consumidores, para diminuir as incertezas, os

custos e os desperdícios. O transporte dos produtos finais é realizado de forma direta por produtores ou consumidores, sem intermediários, e procurando reciclar e reduzir o uso de embalagens².

Tanto os *teikei* quanto o seu paralelo ocidental de "circuitos curtos de produção e comercialização alimentar", surgem como uma reação às consequências indesejadas da "revolução verde", procurando conter o avanço no uso de agrotóxicos, a concentração fundiária, a dependência biotecnológica, a monopolização dos alimentos, o despovoamento rural e os preços abusivos dos alimentos. São "alianças" firmadas entre produtores e consumidores que encontram-se em conflito com o *status quo* agrícola-global, e que buscam desenvolver a pequena produção agrícola/alimentar, bem como padrões de consumo mais próximos, solidários, econômicos e sustentáveis. Por conseguinte, os *teikei* e os circuitos curtos são formas de militância social que procuram uma interação mútua entre produtores e consumidores, onde ambas as partes possam ser beneficiadas. Sob a base desta estrutura produtiva "alternativa", no ano de 2010, o Ministério de Alimentação, Agricultura e Pesca da França promoveu uma lei para estimular o desenvolvimento dos circuitos curtos alimentares, a qual será apresentada e discutida mais adiante (FRANÇA, 2010).

As crises alimentares como a ocorrida no Japão, e tantas outras em diversos países da Europa provocaram mudanças no comportamento dos consumidores, que passaram a buscar mais segurança e autenticidade na alimentação. Assim, os produtos locais, que são comercializados e consumidos na proximidade do local de produção, estão entre os produtos mais suscetíveis a responder a essas demandas dos consumidores (SALVADOR-PÉRIGNON, 2013, p.3).

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma revisão bibliográfica acerca dos conceitos de "circuito curto", os quais têm sido propostos e discutidos por diversos autores e instituições, mas que, no entanto, acreditamos estarem incompletos. Nossa crítica vai dirigida no sentido de que, as principais definições, preocupam-se ou dão ênfase apenas às premissas referentes à esfera da circulação do produto alimentar final, ressaltando desta forma, a necessária proximidade espacial que deve existir entre produtor e consumidor/cliente, mas esquecendo de considerar os demais domínios, também curtos e igualmente importantes,

presentes na fase de elaboração. Tais domínios referem-se ao consumo produtivo, a distribuição dos fatores da produção e à circulação e troca.

Partindo-se da análise de dezenove experiências de pequenos produtores catarinenses que vendem seus produtos direto ao público³, percebemos que neste tipo de circuitos produtivos, na etapa prévia à venda, as distâncias espaciais e sociais entre insumo e produto, e entre os atores envolvidos na produção, são também curtas, de confiança e amigáveis. Verificamos que nos elos e nas relações que antecedem a distribuição final para o consumo já é gerado o desenvolvimento de uma economia local, com características pessoais e solidárias, não consideradas no significado do conceito dominante de circuito curto.

Conhecimentos e receitas tradicionais, mão de obra familiar, relações comerciais amistosas com fornecedores, geografias particulares, produção própria dos insumos; todas estas instâncias que antecedem à distribuição final também são "curtas" e funcionam como geradoras da renda diferencial que permite o desenvolvimento deste tipo de empreendimento. Na sequência expomos expor as definições de circuito curto mais recorrentes e utilizadas pela maioria dos estudiosos desta temática. Como veremos, a ênfase no elo da distribuição do produto final é marcante e é por isso que propomos a ampliação do seu significado.

A ênfase colocada no elo da "distribuição" na definição de circuitos curtos

De acordo com a bibliografia relacionada à sociologia rural de Marsden (et. al., 2000) e Renting, (et. al. 2003), que parecem nortear as referências de todos os trabalhos relacionados a esta temática; podemos identificar três tipos principais de circuitos curtos de abastecimento agroalimentar:

- a) As redes cara a cara (*face to face*): São tipos de comercialização de alimentos realizados de forma direta, onde o produtor e o consumidor coincidem num encontro pessoal. Exemplo destes circuitos são feiras, sacolões, vendas a domicílio ou na própria fazenda, rotas coloniais, etc.
- b) Proximidade espacial (*Spatial proximity*): este tipo de circuito curto está relacionado à comercialização de produtos com algum atributo local, do território,

do saber fazer tradicional e/ou da produção artesanal. O comércio se faz através de vendas a varejistas locais, restaurantes, vendas institucionais, etc.

- c) Espacialmente estendidas (*Spatially extended*): seriam aqueles onde os agricultores familiares conseguem colocar seus produtos em mercados distantes (com escalas nacionais e internacionais) a partir de processos de identificação e indicação geográfica.

Na mesma linha de pensamento dos autores acima citados, a Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) procura identificar os circuitos curtos da seguinte maneira:

Los circuitos de proximidad o circuitos cortos son una forma de comercio basada en la venta directa de productos frescos o de temporada sin intermediario — o reduciendo al mínimo la intermediación— entre productores y consumidores (CEPAL, 2014).

No mesmo sentido, o trabalho de José Ramón Mauleón, coloca a ênfase no elo da distribuição final dos produtos, afirmando que:

Los canales cortos de comercialización alimentaria pueden analizarse desde dos perspectivas: la del productor que comercializa sus productos o la del consumidor que los adquiere. [...]. En estos escritos se va a utilizar unicamente la perspectiva del consumidor (MAULEÓN, 2001, p. 5).

Ainda dão ênfase na distribuição do produto final como principal característica definidora dos circuitos curtos Matte, et. al.:

Um dos aspectos centrais e decisivos na organização das cadeias curtas de suprimento refere-se à redefinição e mesmo a construção das relações com os mercados. Não há cadeia curta sem que ocorra o encurtamento ou estreitamento das distâncias e dos contatos entre produtores e consumidores. Logo, a análise de como se dá este processo de construção de mercados passa a ser essencial para a afirmação e fortalecimento das cadeias curtas. (MATTE, 2014, p 2).

Na França, principal produtor agrícola da Europa e historicamente ligado à produção camponesa, o conceito de circuito curto é utilizado para caracterizar os circuitos de distribuição que mobilizam até, no máximo, um intermediário entre produtor e consumidor. Eles estão definidos na lei de modernização agrícola e pesca da seguinte maneira:

Un circuit court est un mode de commercialisation des produits agricoles qui s'exerce soit par la vente directe du producteur au consommateur, soit par la vente indirecte, à condition qu'il n'y ait qu'un seul intermédiaire (FRANÇA, 2010).

No Brasil, onde segundo dados do governo Federal, 70% dos alimentos consumidos no mercado interno provêm da agricultura familiar⁴, ainda não há uma denominação oficial para circuito curto, não obstante, o conceito utilizado informalmente na esfera pública também aponta geralmente para uma proximidade entre produtor e consumidor final (DAROLT, et al, 2013).

A partir desta revisão bibliográfica, podemos perceber que os circuitos curtos são definidos pela relação pessoal que existe entre produtor e consumidor ou pelo número de intermediários atuantes na comercialização dos produtos. Para Marsden et. al., (2000) e Renting, et. al. (2003) *apud* Ferrari (2011)⁵, os circuitos curtos podem ser tão extensos, podendo alcançar mercados distantes como os extracontinentais, fazendo-nos duvidar da rigorosidade e utilidade prática desse tipo de definição.

Neste texto, sugerimos que o significado do conceito de circuito curto poderia ser mais amplo na sua capacidade explicativa se não fosse restringido exclusivamente ao elo da distribuição do produto final, pois esta representa apenas uma das diversas instâncias, também curtas e igualmente importantes nas cadeias de valor destas formas de produção. Assim colocado, acreditamos que a distribuição não pode ser concebida como uma esfera autônoma da produção, como é sugerido pelas definições esboçadas, senão que, pelo contrário, a circulação final é parte integrante da produção (num sentido amplo) e ambas devem ser consideradas em sua unidade. Vejamos na discussão a seguir quais são as partes integrantes de um circuito produtivo, na busca de incorporá-las ao significado "oficial" e enriquecer este conceito.

Materialismo histórico e produção

A partir de uma visão teórica, ao analisarmos o problema da produção, seus atores e conflitos, estaremos abraçando o objeto de estudo do materialismo histórico. Esta corrente do pensamento social considera o ato produtivo como a instância material a partir da qual se assenta a superestrutura política, jurídica e cultural das sociedades⁶. Relacionados à produção

agrícola se esbarram os conflitos entre pequenos e grandes proprietários, ou mesmo sem-terras, rivalizando pelo controle e comando do espaço produtivo rural e seus mercados, tanto na esfera material como nas jurídico-políticas e ideológicas. Por outro lado, a própria história avançaria dialeticamente a partir das lutas que as sociedades estabelecem pelo controle e expropriação da produção (HARNECKER, 1978).

Para abordar o conceito de circuito curto sob uma perspectiva ampla, ou seja, não só a partir da fase da distribuição final, consideraremos que estes circuitos são formas de produção social (e não só de distribuição). Por este motivo consideraremos a análise que Marx faz nos *Grundrisse* (2011) sobre os elementos constitutivos da produção, depois retomada e aplicada na Geografia por Milton Santos para quem: “[...] circuitos espaciais de produção seriam as diversas etapas pelas quais passaria um produto, desde o começo do processo de produção até chegar ao consumo final” (2008, p. 56). É interessante salientar que o capítulo I da introdução dos *Grundrisse*, considerada a antessala teórica d’O Capital, se intitula “Produção, consumo, distribuição, troca (circulação)”.

Como veremos a seguir, a produção apresenta instâncias dinâmicas e circulares constantes (circuitos) que se retroalimentam: consumo, distribuição, troca e produção “[...] são membros de uma totalidade, diferenças dentro de uma unidade” (MARX, 2011, p. 53). Por esta característica intrínseca da produção é que acreditamos ser insuficiente a definição de circuito que só considera um elo do mesmo. Avancemos a continuação na análise das partes constitutivas de todo circuito produtivo.

As partes que conformam o "todo orgânico" do circuito

A) O consumo como instância da produção:

Agora que já foi exposta a ideia de que um circuito não pode ser definido só por um de seus elos, e que isto representa uma contradição em si, analisamos quais são as partes constitutivas de um circuito produtivo começando pelo consumo produtivo. No texto de Marx acima citado, expõe-se que existe uma identidade entre produção e consumo que aconteceria em dois sentidos: o indivíduo ao produzir consome suas forças vitais no ato

produtivo gastando energias que precisam ser repostas e, por outro lado; o ato produtivo consome matérias-primas, força de trabalho, energia e demais meios de produção no processo que elabora o produto. Temos assim uma constante retroalimentação entre produção e consumo possibilitada pelo transporte e a troca: a matéria-prima (consumida) é transformada em um novo produto (para consumo), enquanto que a energia vital é consumida no ato do trabalho.

Neste sentido, Marx considera que: "não só é a produção imediatamente consumo, e o consumo imediatamente produção (...) como também cada um deles, além de ser imediatamente o outro, cria, além disso, o outro ao completar-se e cria-se como o outro" (MARX, 2011, p. 64).

Analisando as escalas não só do "consumo final", mas também do "consumo produtivo" que o antecede, nos trabalhos de campo realizados constatamos que as distâncias físicas entre ambas as instâncias são muito pequenas em relação à média das distâncias dos circuitos mais complexos⁷ e longos. Nos circuitos curtos, muitas vezes a distância entre produção e consumo produtivo são as mínimas necessárias, coexistindo inclusive dentro da própria unidade familiar. Mão de obra, parte ou totalidade dos insumos, alimentos consumidos para a obtenção da energia vital que será transformada em trabalho, etc., provêm em boa medida da menor escala de produção social que podemos observar: o próprio núcleo familiar, ou "escala doméstica".

Só depois que a produção e o consumo atenderem as demandas familiares nos circuitos curtos, é que se começa a gerar um excedente e uma necessidade de insumos que podem se sobrepor à escala doméstica e se dirigirem ao mercado (local ou microrregional).

Podemos tomar como exemplo a produção do pão de milho artesanal (Figura 1) no município de São Bonifácio, na região da Grande Florianópolis. Neste caso a força de trabalho utilizada na produção é inteiramente familiar e o próprio produtor planta e colhe as principais matérias primas utilizadas na receita tradicional. Quanto à forma de comercialização, a maior parcela é entregue para duas padarias do município, que se encarregam de embalar e revender o produto, enquanto que o restante é comercializado diretamente no local de produção.

Figura 1: Elaboração do tradicional Pão de milho de São Bonifácio, na região da Grande Florianópolis.



Foto: Zanetti von Dentz, 2015.

A escala doméstica e local que domina o consumo produtivo dos circuitos curtos permite ter acesso a fornecedores confiáveis e seguros, e possibilita a redução dos deslocamentos. Por outro lado, os mesmos produtos que são destinados ao mercado nos circuitos curtos são os transformados na energia vital dos seus produtores, barateando os custos de reprodução da vida material e garantindo segurança aos consumidores.

B) Distribuição dos fatores da produção.

Outro dos elementos necessários e integrantes dos circuitos produtivos é a distribuição, instância que se interpõe entre produção e consumo (final e produtivo) e que, segundo a perspectiva que estamos esboçando, vai além da repartição do produto final. As fontes de matérias primas, os consumidores, as produções agrícolas e demais fatores econômicos se encontram distribuídos no espaço e os homens se apropriam deles em função

da sua distribuição nas classes sociais. Nos casos dos circuitos curtos analisados, podemos comprovar que os meios de produção e as forças produtivas se localizam principalmente na escala doméstica ou local, sendo transportados a pouca distância até o seu local de processamento. A distribuição da mão de obra, geralmente de origem familiar, também opera dentro da mesma unidade econômica ou nas proximidades desta.

Forças produtivas e meios de produção coincidem na distribuição social e espacial dentro da escala doméstica nos circuitos curtos: os trabalhadores são eles mesmos donos de boa parte dos meios de produção que utilizam e processam. Essa particularidade permite a estas formas produtivas certa independência e autonomia em relação à hegemonia global do capital, e mesmo às grandes necessidades orçamentárias da estrutura de transporte e energia que os circuitos longos requerem do Estado.

No exemplo acima citado do pão de milho, os principais equipamentos necessários a sua produção e comercialização, como forno, armário e rótulos (Figura 2) foram desenvolvidos pelo próprio produtor, com auxílio de artesãos locais. A produção sob medida dos equipamentos e utensílios satisfaz de maneira eficaz os requerimentos destes tipos de produtos.

Figura 2: Meios de produção fabricados artesanalmente sob medida



Foto: Zanetti von Dentz, 2015.

Quando os insumos necessários se encontram fora da escala doméstica, uma rede de “distribuidores” é requerida. Geralmente bem conhecidos pelo produtor e a comunidade, estes distribuidores também atuam frequentemente nas escalas municipais e microrregionais. Ampliar as escalas de abrangência exige contar com um volume de capital muito superior capaz de concorrer com produtos padronizados e atingir mercados distantes.

C) Circulação e troca.

Finalmente, e sempre tendo como referência a concepção ampla e dinâmica de produção utilizada nos *Grundrisse*, Marx aborda as esferas da troca e da circulação. Na sua argumentação, a troca é também um momento da produção na medida em que esta exige o intercâmbio contínuo de atividades, de produtos, de trabalhos, de mercadorias, de relações interpessoais. Por isso a troca realizada pelos negociantes “*é ela própria atividade produtiva*” (MARX, 2011, p. 53).

Existe uma instância da troca onde esta se separa da produção para realizar-se no consumo: “(...) *a troca só aparece independente ao lado da produção e indiferente em relação a ela no último estágio, no qual o produto é trocado imediatamente para o consumo*” (MARX, 2011, p. 53): a esta troca final faz referência o conceito dominante de circuito curto que antes analisamos. Dadas às características particulares dos circuitos curtos e a escassa divisão social do trabalho que apresentam, é muito comum que as trocas de atividades dentro da produção sejam realizadas por uma mesma pessoa ou pelo grupo familiar, que geralmente conhece tal qual um artesão, todos os passos do processo produtivo. Este conhecimento íntegro do processo produtivo diferencia os produtores e os produtos ligados aos circuitos curtos dos padronizados e industrializados pelo grande capital. É uma das maiores diferenças que existe entre circuitos curtos e longos. Por outro lado, no momento da comercialização, o produtor-artesão geralmente utiliza seus conhecimentos íntegros para descrever as particularidades únicas do seu produto, atuando também como um “agente de marketing” de seu próprio trabalho.

Isso foi observado durante saída de campo realizada na cidade de São Pedro de Alcântara, onde o produtor artesanal de cachaça (Figura 3) conhece e domina as técnicas de

tratamento e de fabricação de seu produto. No momento da venda direta, o produtor sabe descrever com minúcia, ao consumidor, todos os passos do processo de fabricação.

Figura 3: Produção artesanal de cachaça em São Pedro de Alcântara.



Foto: Bender, 2015.

Sobre a circulação, Marx (2011, p.53) afirma que seria “*um momento determinado da troca*”. Neste sentido, a circulação permite a troca de insumos, matérias primas, mercadorias, energia etc., possibilitando um dinamismo constante que só se paralisa no momento da produção (em sentido estrito). Pensar em produção (em sentido amplo) é pensar em movimento circulatório (circuito), em uma retroalimentação contínua, e em escalas; pequenas - as mínimas necessárias - quando analisamos circuitos curtos de produção e comercialização. A questão da circulação do produto final nos circuitos curtos, quando imprescindível fora da escala doméstica, nos leva a refletir sobre o papel, tão questionado às vezes, dos atravessadores.

Sobre os atravessadores

Ligada à circulação e a troca, nos casos dos circuitos curtos analisados nas saídas de campo, podemos constatar a presença de intermediários ou “atravessadores”, sobretudo no elo final do circuito, quando o produto é comercializado para seu consumo final. Na própria concepção “oficial” de circuito curto, os atravessadores são vistos como agentes “indesejados” quando não de exploração, que devem ser evitados para garantir uma maior “originalidade” ao circuito e preservar sua qualidade. Sem desejar contrapor esta concepção, propomos um olhar paralelo.

A questão dos atravessadores poderia ser analisada a partir de outra perspectiva se considerássemos que estes, em economias frágeis e geralmente carentes de capital (como são as presentes nas áreas de agricultura familiar dos países subdesenvolvidos) formam parte da própria possibilidade e existência produtiva dos pequenos produtores que nem sempre contam com as garantias legais como para vender seus produtos aos supermercados. Não seria incorreto pensar que os intermediários nos circuitos curtos muitas vezes são a condição, a base das possibilidades estruturais de funcionamento destas formas de produção⁸. Quando o produtor mora distante de alguma rodovia, feira, central de abastecimento ou centro de consumo, é necessário para transportar e comercializar alimentos: capital e tempo; que serão descontados das atividades estritamente produtivas, fatores que dificultam a distribuição final por parte dos próprios produtores.

Na cidade de Antônio Carlos, foi possível conhecer a experiência de uma pequena fábrica de pamonhas (Figura 4), onde toda a produção é distribuída para uma grande cadeia de supermercados da região. Nesse caso, o intermediário é o principal fornecedor que efetua o transporte e a venda do produto.

Figura 4: Produção artesanal de pamonhas no município de Antônio Carlos, na região da Grande Florianópolis



Foto: Bender, 2015.

Aliás, muitos dos atravessadores possuem como único capital algum meio de transporte cujo valor não é muito diferente do capital dos pequenos produtores que participam dos circuitos curtos e não necessariamente são agentes de subordinação. Nos campos realizados nos municípios da região da Grande Florianópolis podemos constatar que muitos atravessadores são antigos produtores, que não raras vezes venderam suas pequenas parcelas de terras para comprar um veículo. Quando a cidade é pequena, como acontece com muitas daquelas ligadas às áreas de colonização no estado de Santa Catarina, ainda é possível e relativamente fácil evitar intermediários para se abastecer. Quando o tamanho das cidades aumenta e a distância até a zona de produção cresce, o abastecimento “curto” ou direto é mais complexo e difícil, necessitando em diversos momentos da ajuda do Estado, que não raras vezes carece de orçamento para organizá-lo. Por estas razões, ainda que na França um circuito curto possa estar definido pela presença de, no máximo um intermediário; a realidade

rural, urbana e econômica brasileira exige determinações mais complexas para resolver este conceito.

Considerações finais

Procuramos aprofundar o conceito de circuito curto para além da distribuição do produto final, contemplando as outras instâncias, também curtas, presentes nestas formas de produção. O circuito curto de produção e comercialização alimentar poderia ser definido como o conjunto orgânico das instancias produtivas (distribuição, circulação, elaboração e troca) que estão dominadas principalmente pela escala doméstica e executadas a partir de um conhecimento artesanal. Estas atividades, depois de satisfazer as demandas internas da escala doméstica, geram um excedente que é colocado no mercado e adquirido diretamente pelo consumidor final, ou por um intermediário. As distâncias curtas que caracterizam os movimentos na produção, no consumo, na troca e na circulação destes circuitos aumentam a renda diferencial por localização.

A partir de uma perspectiva territorial poderíamos pensar na necessidade de auxiliar a definição tendo em consideração que as atividades de abrangência neste tipo de circuito não poderiam superar, por exemplo, a escala microrregional, que no Brasil, corresponderiam às determinadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desta maneira, poderíamos chegar a uma definição mais inflexível, ainda que incompleta. De certa maneira, tem sido estabelecido deste modo um parâmetro espacial concreto na definição oficial de agricultura familiar no Brasil, quando se indica que as propriedades deste tipo de agricultura não podem exceder os 4 módulos fiscais (entre 20 e 400 hectares segundo o município).

Como foi mencionado, o sucesso destes circuitos está relacionado à apropriação da renda diferencial I, como a ligada aos ganhos extras, acima dos lucros médios das restantes empresas concorrentes, que se produzem a partir das vantagens localizacionais que reduzem os custos de transporte e produção.

Neste sentido, as escassas distâncias presentes entre produção, distribuição, circulação e consumo nestes circuitos devem outorgar um excedente de retorno relativo (não absoluto) acima da taxa média dos circuitos mais longos. Isto considerando que custos em transporte e logística se reduzem a sua mínima expressão quando se produz em escalas

domésticas e para um mercado próximo. Do ponto de vista social, os investimentos requeridos para possibilitar o dinamismo dos circuitos curtos são baixos, considerando que eles não apresentam grandes demandas em infraestrutura (portos, rodovias, energia, desenvolvimento tecnológico, qualificação de mão de obra, etc.).

Além de serem as práticas, tanto as do chamado *teikei* como as dos circuitos curtos, contestatórias da revolução verde, estes conceitos podem se enquadrar nas discussões sobre a natureza do campesinato e seu papel político nas sociedades. Muitos teóricos marxistas estão interessados em análises e estudos empíricos dos modos de produção ou “esquemas de reprodução não capitalistas”, que ainda sobrevivem, particularmente, nos países não desenvolvidos. As relações sociais específicas que determinam o acesso do camponês a terra e a sua inserção na vida política e econômica das sociedades dependem das características específicas de cada formação socioespacial, não parecendo existir uma tendência linear em relação ao sucesso ou desaparecimento da agricultura familiar e seus circuitos produtivos. A renda diferencial gerada pelas instâncias curtas que dominam boa parte da produção familiar camponesa poderia explicar, pelo menos em última instância, a sobrevivência e até o sucesso destes tipos de formas produtivas.

Neste sentido, sem a necessidade de alcançar ou superar o lucro médio para tornar viável economicamente a produção, condição necessária às empresas capitalistas, as circunstâncias socioterritoriais podem oportunizar que os camponeses produzam alimentos mais baratos que os realizados sobre relações inteiramente capitalistas de produção. Neste trabalho enfatizamos a importância de todas as instâncias curtas da produção como um diferencial transformado em renda, que permitiria reproduzir os circuitos produtivos da agricultura familiar/camponesa. Aproximar-nos da complexidade produtiva dos circuitos curtos nos permitirá entender um espaço considerável da produção geral, com grande potencial em inovações e de desenvolvimento local.

Para finalizar, deixamos uma consideração em relação a inserção do trabalho feminino no contexto dos circuitos curtos que acreditamos, demandariam maiores análises e reflexões. A produção e reprodução da força de trabalho nos circuitos curtos estão espacialmente concentradas na mesma escala econômica: a doméstica. Historicamente, a função de reprodução da força de trabalho foi possível pelas tarefas realizadas pelas mulheres

no seio das famílias. Nos campos realizados percebemos a destacada influência do trabalho feminino na produção⁹ e inclusive no comando e gerência das pequenas empresas. Poderíamos nos perguntar em que medida os circuitos curtos permitem um primeiro passo para introduzir o trabalho feminino na produção social geral, deixando para trás a função exclusiva e opressiva das mulheres de reproduzir a força de trabalho no campo sem receber benefícios econômicos em troca.

Notas

¹ Envenenamento por mercúrio.

² Os 10 princípios do *teikei* e maiores informações sobre esta forma produtiva podem ser consultadas na página da Associação Japonesa de Agricultura Orgânica (JOAA): <http://www.joaa.net/english/teikei.htm>

³ Foram realizadas saídas de campo e entrevistas com uso de roteiro semi-estruturado de perguntas à 19 pequenos produtores residentes em municípios da região da Grande Florianópolis, no estado de Santa Catarina, que processam e comercializam produtos tais como: pães, bolos, bistoitos, geleias, conservas de frutas e hortaliças, queijos e embutidos.

⁴ Dado extraído de: <http://www.brasil.gov.br>. Acesso: 20-04-2014.

Se bem os conceitos de agricultura familiar e circuitos curtos não estão diretamente ligados numa relação inequívoca, esse dado pode nos ajudar a pensar que uma porção não desprezível dos alimentos consumidos deve ser viabilizada a partir dos circuitos curtos.

⁵ As definições de circuitos curtos destes autores são as únicas apontadas na tese de doutorado de Ferrari (2011) sobre circuitos curtos em Santa Catarina.

⁶ “Indivíduos produzindo em sociedade - por isso, o ponto de partida é, naturalmente, a produção dos indivíduos socialmente determinada”. (MARX, 2011, p. 39).

⁷ Por circuitos complexos entendemos aqueles que estão conformados por instâncias ligadas a escalas globais e já oligopólicas.

⁸ Neste mesmo sentido, Santos (2004) aborda o tema do transporte nos circuitos inferiores da economia urbana.

⁹ A importância e os direitos das mulheres na produção agrícola estão sendo reconhecidas de maneira oficial a partir de políticas como a seguinte: “A partir de 2003, o Programa Nacional de Reforma Agrária do Inca, ampliou os direitos das mulheres à terra. Da inscrição de candidatos até a seleção dos beneficiários e beneficiárias da Reforma Agrária, passaram a ser incluídos, em caráter obrigatório, os nomes da mulher e do homem, independente de estado civil. As famílias chefiadas por mulheres passaram a ter preferência na titulação da terra. Só desde 2003 a 2007, o total de mulheres chefes de família em relação ao total de beneficiários/as passou de 13,6% para 23%”. Disponível em <<http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/dpmm-org/sobre-o-programa>>. Acesso: 10-12-2015.

Referências

- CEPAL. **Agricultura familiar y circuitos cortos**. Nuevos esquemas de producción, comercialización y nutrición. ONU. Santiago de Chile. 2014. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/36832/S2014307_es.pdf?sequence=1>. Acesso 10-04-2016.
- DAROULT, Moacir. LAMINE, Claire., BRANDENBURG, Alfio. **A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos**: ensinamentos do caso brasileiro e Francês. Ver. Agriculturas, vol. 10 n° 2. Paraná. 2013.
- FERRARI, Dilvan. **Cadeias alimentares curtas: a construção social de mercados de qualidade pelos agricultores familiares de Santa Catarina**. 2011. 347p. Tese de doutorado. UFRG - Porto Alegre, agosto 2011.
- FRANÇA: **Loi n° 2010-874 du 27 juillet 2010 de modernisation de l'agriculture et de lapêche**. Disponível em: <<https://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000022521587#LEGIARTI000022522719>>. Acesso: 06-04-2016.
- Harnecker, Marta. **O Capital, conceitos fundamentais**. Global Editora. São Paulo. 1978. 205p.
- MARSDEN, Terry.,BANKS, Jo., BRISTOW, Gillian.: **Food supply chain approaches**: Exploring their role in rural development. In: Sociologia Ruralis. Vol. 40, n° 4. Oxford, p: 424-438. 2000. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9523.00158/epdf>>. Acesso: 10-04-2016.
- MARX, Karl. Introdução. I Produção, consumo, distribuição, troca (circulação). In: Marx, K. Grundrisse: **Manuscritos econômicos de 1857-1858- esboço da crítica da economia política**. P: 39-64. Boitempo. São Paulo. 2011.
- MATTE, Alessandra., NESKE, Márcio., BORBA Marcos., WAQUIL Paulo., SCHNEIDER Sérgio. A realocação e o mercado de cadeias curtas na pecuária familiar do território alto camaquã no sul do Rio Grande do Sul. In: **Anais do Encontro de Economia Gaucha. Porto Alegre**. 2014. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/201405237eeg-mesa10-relocalizacaoemercadocadeiascurtaspecuaria.pdf>> Acesso: 10-04-2016.
- MAULEÓN, José. Los canales cortos de comercialización alimentaria como alternativa de los pequeños agricultores ante la globalización. In: **XXIII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología."Crisis agropecuaria, globalización y alternativas campesinas"**. Guatemala, Octubre 2001 Guatemala. 2001. 1-16p.

RENTING, Henk, MARSDEN, Terry, BANKS, Jo. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. In: **Environment and Planning, London**. 2003, vol. 35, p: 393-411. Disponível em: <<http://core.ac.uk/download/pdf/6967944.pdf>>. Acesso: 05-04-2016.

SALVADOR-PÉRIGNON, Marielle. **Expérience vécue chez un chef étoilé et achat de produits locaux par les clients**. Mondes du Tourisme, n. 8, p. 19-32, 2013.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2004. 433p.

Recebido em 21/04/2016. Aceito para publicação em 10/07/2017.
--